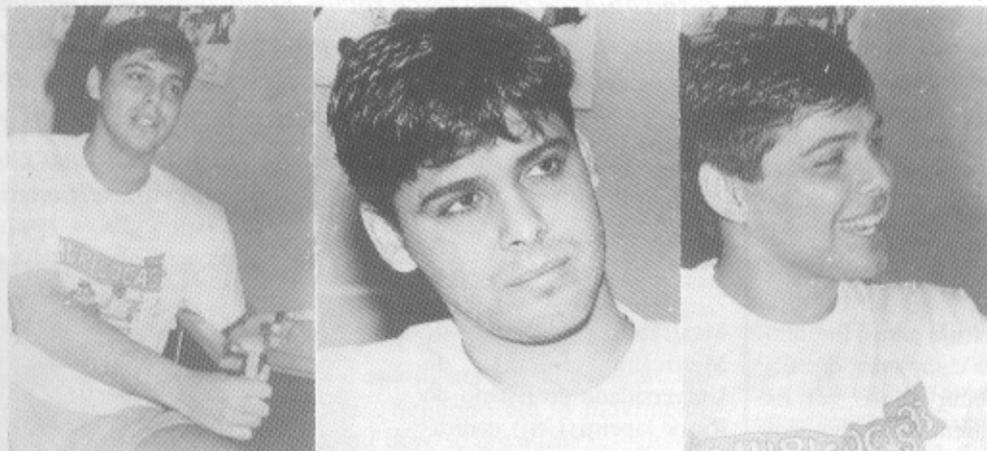


O candidato das passeatas

Com certeza Lindberg Farias não irá esquecer o ano de 1992, período em que, como presidente da UNE, esteve à frente das mobilizações estudantis que contribuíram para o impeachment de Fernando Collor. Em meio às grandes passeatas, ele surgiu como líder dos caras-pintadas e se tornou estrela para a mídia. Hoje, após mais de um ano afastado da UNE, Lindberg cursa o 4o. período de Direito na UFRJ e é candidato a Deputado Federal pelo PC do B. Atualmente morando no Rio de Janeiro, esse paraibano de 24 anos sonha em ser "um jovem estudante congressista". Entrevistado pela revista ECLÉTICA, ele lembra aquele período que marcou a história do país e, especialmente, sua vida.

Eliane Hatherty



Caras pintadas

"Pintar a cara era uma forma de expressão individual. Uma forma de se sentir à vontade para expressar um protesto, e não ser apenas mais um na multidão. Eu me lembro que pintei a cara apenas uma ou duas vezes. Esse símbolo acabou se desgastando, pois naquelas passeatas existiam dois tipos de jovens: os que estavam realmente conscientes de seu papel político, e os que estavam ali simplesmente pela onda, que iam pela festa. Essas passeatas eram também uma chance de jovens alienados começarem a despertar para a cidadania."

Estudantes e política

"Muita gente diz que estudante não deve se meter com política, o que é uma mensagem conservadora, passada pela ditadura militar. Dessa forma, as elites tentaram afastar os estudantes das organizações políticas. O que não pode é os estudantes engolirem esse discurso e ficarem de braços cruzados esperando que o Brasil mude por obra divina."

Movimento estudantil

"Lá na UFPB, quando eu estudava Medicina, organizamos campeonatos de surf para atrair uma galera que nunca tinha se interessado pelo DCE. É preciso transformar o Diretório numa coisa gostosa, num ponto de encontro onde os estudantes se reúnam para conversar. Acho que é possível conciliar as discussões políticas com atividades esportivas e culturais. Na UFRJ, a nova direção do CACO (Centro Acadêmico de Direito) está procurando fazer isso."

UNE

"A UNE era uma entidade desacreditada quando iniciei minha gestão. Muitos achavam que ela havia morrido. A entidade teve seus momentos de altos e baixos. É impossível estar sempre na crista da onda. Conseguimos resgatá-la com as mobilizações pelo impeachment de Collor. Os estudantes sentiram a necessidade de se unificar para entrar naquela luta. Grupos separados lutavam por causas específicas, mas havia uma bandeira maior, que era o impeachment. O Collor

tinha um projeto de universidade pública e outro para a particular que desagradavam ao conjunto dos estudantes. Assim, nos unimos por uma causa maior. O papel da UNE é ditar as regras do movimento estudantil. Mas ela só consegue galbanizar grande apoio quando os estudantes sentem a necessidade de usá-la."

Imprensa

Dizem que a imprensa construiu todo o movimento dos caras-pintadas, mas isso não é verdade. Quando fizemos a primeira passeata, em São Paulo, não saiu nenhuma linha no jornal. Nesse dia, os jornais estavam cobrindo a chegada da seleção de Vôlei, que tinha acabado de ganhar a medalha de ouro nas olimpíadas. Continuamos organizando as passeatas, que cada vez ficavam mais cheias de estudantes, e assim fomos ganhando espaço na mídia. Nossas passeatas foram o grande fato político do ano. Nós, estudantes, fomos as pessoas que mais interferiram na vida política do país naquele momento. Não adiantava o líder

Eduardo Magalhães, fazer uma declaração defendendo o Collor, pois eu como presidente da UNE, fazia outra que repercutia muito mais do que a dele. Pois nós tínhamos como respaldo as grandes passeatas, com 100 mil estudantes nas ruas. A repercussão na Imprensa ajudou a fortalecer o movimento, mas não o construiu.

Betinho

“A campanha do Betinho tem um lado positivo, que mostra a necessidade de se combater a fome e a miséria no país. Mas acho que não vamos resolver esse problema apenas doando um prato de comida às pessoas que estão com fome. É preciso modificar a estrutura econômica e social do país, e não apenas ser solidário. Dar um prato de comida é apenas uma ação paliativa. O que critico é a forma como a mídia utilizou a campanha, enfatizando apenas a idéia de solidariedade, e abafando as injustiças sociais. Eu quero ver, agora, a mídia continuar dando cobertura para o Betinho nessa segunda fase da campanha, que é a do emprego. Também quero ver os empresários participarem, pois ninguém oferece emprego por caridade. A mesma mídia que ajudou o Betinho, tentou destruí-lo, envolvendo-o com o escândalo do jogo do bicho.

Candidatura Política

“Sou candidato a deputado federal pelo PC do B junto com a Jandira Feghali. Irei apoiar Lula para a presidência e o Bittar para o governo do Estado. Com esse Congresso que está aí, acho que qualquer pessoa que tenha boas intenções, que tenha um sonho de justiça social, pode fazer um grande trabalho. Temos um Congresso conservador, sem ligação com os movimentos sociais, que só vota nas propostas da Fiesp. Alguns dizem que eu e o Jair Menegheli somos oportunistas por nos candidatar. Oportunistas são as candidaturas do João Alves e de donos de escolas particulares. O Congresso deve ter a cara do povo, com jovens, camponeses e tabalhadores participando dele. O que está errado é 65% do Congresso ser constituído por médios e grandes empresários. Minha candidatura é alternativa, é uma opção de voto para as pessoas que estão “de saco cheio” dessa situação.

Novo desafio para o movimento: pluralidade e democracia

Movimento: deslocação; afluência de gente se movendo; rebelião; revolta; animação; agitação; evolução de idéias. (dicionário MEC:1980) Movimento Estudantil: Conjunto, harmônico ou não, das manifestações culturais, políticas, artísticas, sociais,... de uma coletividade de jovens que, ao longo da história, vêm demonstrando certa contrariedade em esperar acontecer. O movimento estudantil de todo o Brasil, que já foi foco de resistência e expressão de pioneirismo, enfrenta agora um novo desafio: rever sua atuação como força social, estética e, ainda, política, na imensa crise de valores em que o país se encontra. Dois expoentes da revisão, os estudantes Octávio Reis (UERJ) e Ericson Pires (PUC-Rio), dão uma pequena mostra do que pode vir por aí, se o Movimento - ou os movimentos estudantis - seguir os rumos democráticos de uma nova participação e identificação, que sai do discurso, e produz.

Octávio Reis, 27 anos. Mestrando do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dedica-se há bastante tempo ao movimento estudantil formal. Tem preocupações estruturais com relação à luta dos estudantes e sustenta a organização combativa e democrática. Otávio é representante dos alunos pelo Centro Biomédico no Conselho Universitário da UERJ e foi presidente do Centro Acadêmico de Economia em 1987, quando era graduando, também na UERJ.



Welter Finamore Filho

Octávio propõe unidade dos projetos estudantis...

“O movimento estudantil deve se afirmar como força social, combativa e democrática, e apresentar um projeto claro e concreto para as universidades”

Segundo ele, o movimento estudantil atravessa um crise muito séria de intransigência e dificuldade das forças políticas, legítimas, que não conseguem conviver em conjunto e não tentam

construir uma unidade em torno de seus projetos de universidade e em cima das reivindicações dos estudantes.

“Existe, na UERJ, um distanciamento muito grande entre o Diretório Central dos Estudantes (DCE), enquanto instância de representação de todo o alunado, e seus representados. O resultado disso é que as atividades do movimento estudantil formal não se aproximam dos desejos e vontades concretas dos estudantes no seu dia-a-dia. A crise é antiga mas, somada à crise da UNE, faz com que o movimento estudantil não consiga ser uma expressão concreta de projeto claro para a universidade e de um projeto de reorganização e reaglutinação dos estudantes enquanto força social, combativa e democrática.”

"quase estrutural" e diz que os estudantes não sentem a entidade como uma instância de representação. Ele interpreta a voga atual da UNE como um refluxo pelo qual passaram os movimentos sociais no país depois da eleição do ex-presidente

"Há diferentes tipos de engajamento entre os estudantes. Nem todo mundo é militante-soldadinho. O jovem deve expressar o que sente e pensa, e buscar sua liberdade pessoal e social."

Fernando Collor. "O problema estrutural da UNE está em não saber canalizar a combinação entre as lutas gerais e as lutas específicas, particulares a cada curso", explica Octávio com a autoridade de quem foi presidente de Centro Acadêmico, e sugere temas para atuação da entidade: a revisão da Estatuinte, a democratização das universidades, a qualidade do ensino, a auto-avaliação dos cursos.

Apesar de fazer críticas diretas à UNE, Octávio detecta os mesmos problemas no DCE da UERJ. Segundo ele, o DCE está tão distante dos estudantes quanto a UNE, e também sofre com intermináveis disputas políticas que ocupam um tempo que poderia ser usado para discutir projetos alternativos, como a implantação do bandeirão na universidade e a melhoria da qualidade do ensino.

A melhor forma de comprometer os estudantes numa luta, acredita Octávio Reis, é a sinceridade e o respeito às divergências. Ele explica que é necessário maturidade para entender os diferentes patamares de militância: "nem todo mundo é militante soldadinho".

"A própria carteirinha da UNE foi burocratizada. Ela poderia ser muito melhor trabalhada se fosse colocada junto à questão da cultura, isto é, incentivando a produção cultural da juventude. A UNE não soube catalisar esse processo e a carteirinha virou,

infelizmente, uma mera política de finanças", sentencia.

Atendendo às exigências de sua postura militante, Octávio sugere: o estudante deve fazer a revolução dentro da sala de aula, na rua, em casa, dentro de si mesmo, na sociedade. "A juventude tem que colocar para fora o que está sentindo e pensando, e buscar sua liberdade pessoal e social. Principalmente em ano de eleições gerais, o estudante deve ir para a rua discutir um projeto para a juventude, que tem péssimas condições de trabalho e ensino.

Ericson Pires, 21 anos. Aluno do 7º período de História, é integrante do DCE da PUC-Rio e tem uma maneira especial e particular de participar do movimento estudantil: fazendo arte. Ericson era líder do "Ágora Agora", um grupo performático que fazia manifestações artísticas com conotação política, tentando fugir das "tradicional" organizações estudantis. "Não é apenas nas passeatas que os estudantes devem protestar. A ação política é uma prática diária e está ligada à ação cultural", diz Ericson. Segundo ele, o movimento estudantil deve se organizar respeitando em primeiro lugar a diversidade de seus integrantes. "Não devemos nos atacar mutuamente, pois a força de nosso movimento está na sua pluralidade", esclarece.

Ericson se define politicamente como anarquista, forma de ação libertadora que se opõe aos centralismos. Ele rebate o

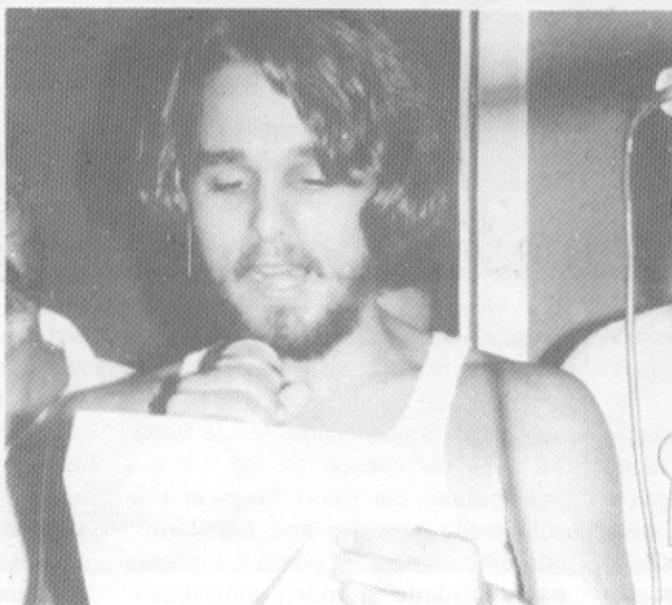
preconceito em relação ao anarquismo - tachado como sinônimo de bagunça e zona - dizendo que é necessário se entender mais profundamente os movimentos sociais. Ericson defende também o fim dos Diretórios Centrais dos

"Queremos acabar com o DCE e criar uma cooperativa acadêmica que rompa as barreiras e divisões criadas pelos diretórios. A UNE hoje está perdida no tempo, ela está desgastada."

Estudantes (DCEs), por considerá-los autoritários até no nome. "Queremos criar uma cooperativa acadêmica, que rompa as barreiras e as divisões criadas pelos diretórios", explica.

Para ele, a União Nacional dos Estudantes é o exemplo de uma estrutura autoritária que está em completa decadência, pois está espelhada na própria organização do Estado. Na opinião de Ericson, a entidade não consegue ser eficiente ao tentar representar os estudantes hoje. "A UNE é como uma peça de museu. Eu a admiro por sua importância histórica, por ter sido foco de resistência na década de 60, mas hoje está perdida no tempo. Sua estrutura é seclária e está desgastada", critica ele. Ericson ainda diz mais: "Não é nenhum carinha que vai nos dizer que devemos nos mobilizar. Os jovens devem participar politicamente se estiverem atraídos para isso espontaneamente."

Em relação aos estudantes da PUC, Ericson diz ser falsa a ideia de que estes são pouco mobilizados. Segundo ele, apesar de ser uma universidade particular, cravada no coração da Zona Sul, a PUC é um centro de estímulo à participação estudantil nas questões sociais e políticas. "Aqui nós fazemos o possível e muitas vezes até o impossível. Existe articulação, sim, e ela é diária." ■



Weller Finamore Filho

... para o novo movimento plural que Ericson defende